



O vento sopra onde quer: pneumatologia e diversidade religiosa

Wellington Cristiano da Silva¹

Resumo

A presente pesquisa prop3e-se estabelecer um caminho de di3logo do Cristianismo com as grandes religi3es a partir da Pneumatologia. O ponto de partida 4 a Sagrada Escritura. O testemunho b4blico aponta para a a3o universal do Esp4rito Santo. Ele age para al4m das fronteiras do Cristianismo, pois “o vento sopra onde quer” (Jo 3,8). Em seguida, 4 luz do Conc4lio Vaticano II, parte-se para o di3logo da Igreja com as religi3es promovido pela a3o do Esp4rito Santo. Constata-se, por conseguinte, que o Esp4rito d3 a todos a possibilidade de se associarem ao mist4rio pascal de Cristo por um modo s3 de Deus conhecido (GS 22). V3rios documentos do Magist4rio da Igreja refor3ar3o esta possibilidade no Esp4rito. A Igreja igualmente reconhece que o Esp4rito Santo suscita nos cora33es das pessoas de diferentes povos e culturas uma diversidade de valores espirituais. Assim, o avan3o na pesquisa pneumatol3gica garante uma justificaa3o e fundamentaa3o para o di3logo inter-religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Pneumatologia. Diversidade religiosa. Di3logo.

Abstract

The present research proposes to establish a way of dialogue of Christianity with the great religions from Pneumatology. The starting point is Sacred Scripture. Biblical witness points to the universal action of the Holy Spirit. He acts beyond the frontiers of Christianity, because “the wind blows wherever it pleases” (Jn 3:8). Then, in the light of the Second Vatican Council, we begin with the dialogue of the Church with the religions promoted by the action of the Holy Spirit. It can be seen, then, the Spirit gives everyone the possibility of associating themselves with the paschal mystery of Christ by a known only mode of God (GS 22). Several documents of the Magisterium of the Church will reinforce this possibility in the Spirit. The Church also recognizes that the Holy Spirit stirs up in the people’s hearts of different races and cultures a diversity of spiritual values. Thus it is possible to perceive the great openness brought about by the Theology of the Spirit for interreligious dialogue.

KEYWORDS: Pneumatology. Religious diversity. Dialogue.

¹ Mestrando do Programa de P3s-gradua3o em Teologia Sistem3tica da PUCRS. Especialista em Mariologia pela Faculdade Dehoniana, Taubat4/SP. Bacharel em Teologia pela PUCRS. Bacharel eclesi3stico em Teologia pelo ITESC/SC. Bacharel em Filosofia pela Faculdade S3o Luiz, Brusque/SC.

Introdução

A teologia, inserida na pluralidade do mundo moderno, vem estabelecendo um crescente diálogo com as religiões. Sem comprometer sua identidade nuclear, a teologia busca se aproximar dos diferentes povos e culturas. Todavia, ela se esbarra com conteúdos essenciais da fé. Temas como a salvação e a mediação universal de Jesus e a questão da verdade são difíceis de serem abordados no diálogo com as religiões.

Sabendo que é desígnio de Deus que todos sejam salvos (1Tm 2,4), a teologia se propõe a reconhecer sinais de salvação e de verdade em outras religiões. A presente pesquisa pretende favorecer um diálogo do Cristianismo com as religiões, partindo da experiência do Espírito. Como a pneumatologia pode ser apresentada enquanto caminho de diálogo com as religiões? É possível associar toda a humanidade ao mistério de Cristo por meio da ação do Espírito Santo? A partir destas provocações iniciais, serão apresentadas as bases bíblicas da missão universal do Espírito Santo unida à mesma economia do Filho. Em seguida, serão apontadas as grandes contribuições do Concílio Vaticano II para o diálogo inter-religioso em perspectiva pneumatológica. E, por fim, refletir-se-à acerca da presença e atuação do Espírito Santo para além do Cristianismo.

1. O Outro Paráclito: a missão universal do Espírito Santo nas Escrituras

Durante seu discurso de despedida, chegada a hora de passar deste mundo para o Pai (Jo 13,1), Jesus prometeu aos seus discípulos que não os deixaria órfãos (Jo 14,18). Consolando seus corações perturbados por conta de sua partida, garantiu-lhes o envio do Espírito, o *Outro Paráclito* (Jo 14,16). Cristo revela nestas palavras a alteridade e a missão do Espírito Santo. Ele é um Outro Defensor, um Outro Advogado. Portanto, o Espírito é também agente divino na História da salvação. O Espírito é aquele que permanecerá junto aos discípulos na missão (Jo 14,17); ensinará e recordará tudo o que Jesus disse e realizou (Jo 14,26). Ele guiará em toda verdade e anunciará o que há de vir (Jo 16,13).

O Espírito da Verdade sempre agiu em união com a Palavra Eterna. Ao enviar sua Palavra, o Pai enviou igualmente o seu Espírito. Conforme a clássica afirmação de Irineu de Lião, Palavra e Espírito são as *duas mãos do Pai*. Esta missão conjunta do Filho e do Espírito nos é atestada em toda a Sagrada Escritura. No ato da criação, Sopro e Palavra vão dando vida e forma às inúmeras criaturas: “A palavra do Senhor criou os céus, e o sopro de seus lábios as estrelas” (Sl 32,6). O Filho de Deus é aquele que foi concebido, na história, por obra do Espírito (Mt 1,20; Lc 1,35). Todo o seu ministério tem a marca do Espírito. Cristo é um pneumatóforo, um Portador do Espírito. O Espírito que Cristo recebeu da parte do Pai, nos foi dado na cruz e na ressurreição. O envio dos Apóstolos em missão é o envio no Espírito. A Igreja é missão no Espírito.

Cristo veio para salvar a todos, sem distinção, pois este é o desígnio universal do Pai. Ele é o mediador da salvação. Todavia, “a universalidade da ação salvífica de Cristo não pode ser entendida sem a ação universal do Espírito Santo” (CTI 50)¹. O envio do Espírito compreende, igualmente, uma dimensão para além das fronteiras da Palestina. Este mesmo Espírito que, no princípio, pairava sobre as águas (Gn 1,2), age, ininterruptamente, em todos os lugares e tempos. “Como a sabedoria, o Espírito de Deus está agindo em toda parte”².

Como confessado no símbolo niceno-constantinopolitano, o Espírito Santo é *Senhor e dá a vida*. Ele é Senhor da criação, é Sopro vivificante. O Espírito foi soprado sobre toda criatura. Sem este sopro, as criaturas desfalecem: “retiras sua respiração e eles expiram, voltando ao seu pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104,29-30). Não há ser humano que não tenha recebido deste Hálito de vida. Toda a criação está tomada pelo Espírito, que renova constantemente a face da terra. Muitas das formas que o Espírito se utiliza para agir no mundo são de origem natural: água, fogo, vento, óleo... Estes símbolos remontam à fluidez do Espírito, que jamais pode ser apropriado, mas é livre para se manifestar. O Espírito, contudo, não se confunde com a natureza. A criação é obra do Espírito.

O Espírito de Deus suscitou líderes ao longo da história da salvação. Os patriarcas e as matriarcas, os juízes, os reis e profetas, os sábios, eram todos eles

¹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *O Cristianismo e as religiões* (1997).

² CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor e dá a vida*, p. 288.

pessoas carismáticas que receberam da porção do Espírito do Senhor. Através de seus escolhidos, Deus falava a seu povo por inspiração do seu Espírito. Os discípulos e discípulas de Jesus também foram fortalecidos e enriquecidos pela unção do Espírito Santo. Mas o Espírito não é dado apenas para uma pequena elite. Deus quis derramá-lo sobre toda a humanidade: “Derramarei o meu espírito sobre toda carne” (Jl 3,1). Em Pentecostes, a profecia de Joel se cumpre plenamente (At 2,16). O Espírito, que pairou sobre Maria, os Apóstolos e os irmãos reunidos na fé, manifestou-se a todos os povos ali representados. Cristo derramou sobre todos os corações o Espírito prometido que recebeu da parte do Pai (At 2,33). A efusão universal do Espírito é sinal do chamado universal à santidade e à salvação. Como testemunhas no Espírito, os Apóstolos são enviados até os confins da terra (At 1,8).

Não apenas os cristãos bebem da Fonte do Espírito. O Sopro Divino é para todos, pois “o vento sopra onde quer” (Jo 3,8). Sua missão é universal. No Espírito, Deus toca toda humanidade e toda criação. Portanto, no Espírito, é possível estabelecer um diálogo sincero entre os diferentes povos, culturas e religiões. Em todos os lugares e tempos, encontramos sinais da presença do Sopro divino.

2. O Concílio Vaticano II e o diálogo inter-religioso: uma leitura pneumatológica

Ao convocar o Concílio Vaticano II, João XXIII falou de um necessário *aggiornamento* da Igreja. Esta atualização só foi possível graças à ação do Espírito Santo. É o Espírito que sempre atualiza a missão da Igreja e que torna atual a presença sacramental de Cristo. Ao *abrir as janelas para entrar ar fresco na Igreja*, João XXIII retomou a dimensão pneumatológica da Igreja. O Espírito que renova a face da terra é o mesmo que renova, constantemente, a Igreja de Cristo.

Esta grande abertura provocada pelo Concílio Vaticano II conduziu a Igreja ao diálogo com o mundo moderno, com as Igrejas cristãs e com as religiões não-cristãs. O desejo de diálogo é fruto do Espírito. Em sua missão universal, o Espírito se expressa como unidade na diversidade, como proximidade, força unitiva, que congrega no amor.

A *Nostra Aetate* é a declaração conciliar que marca a abertura da Igreja ao diálogo inter-religioso. Uma abertura inédita e sem precedentes. Neste documento, a Igreja afirma que

não rejeita nada que seja verdadeiro e santo nestas religiões. Considera com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas, que, embora em muitos pontos difiram do que ela mesma crê e propõe, não raro refletem um raio da Verdade que ilumina todos os homens (NA 2).

Com esta declaração, a Igreja reconhece a presença de sinais de santidade e de verdade em outras religiões, sem negar, contudo, as diferenças de fé e de crenças. Embora não cite expressamente o Espírito Santo neste documento, a Igreja tem consciência de que é o Espírito que suscitou o Concílio e inspirou os documentos conclusivos. A *Nostra Aetate* é, indubitavelmente, um documento de inspiração pneumática.

Na *Gaudium et Spes*, encontramos uma das mais importantes referências da ação universal do Espírito Santo, que será constantemente citada pelo magistério da Igreja.

Com efeito, já que por todos morreu Cristo e que a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos acreditar que o Espírito Santo dá a todos a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido (GS 22).

Percebe-se, claramente, o esforço em admitir que, através do Espírito Santo, as pessoas das diversas culturas e crenças podem ser associadas ao mistério salvífico de Cristo. Tal possibilidade, por sua vez, não está ao nosso alcance, ficando restrita ao mistério de Deus. O documento assegurou ainda a presença de *preciosos elementos religiosos e humanos* nas outras religiões e expressou o desejo de um diálogo franco que “leve a todos a receber com fidelidade os impulsos do Espírito e a segui-los com ardor” (GS 92). O Concílio admite a atuação do Espírito Santo para além dos limites da Igreja. Os impulsos do Espírito podem ser acolhidos por todos.

A abertura ao diálogo com as religiões permitiu a teologia aprofundar o tema da ação universal do Espírito Santo, na tentativa de promover uma proximidade da fé cristã com outras tradições religiosas. Esta proximidade não se

fixa apenas em questões morais, mas se estende aos seus conteúdos e ensinamentos, que “não raro refletem um raio da Verdade” (NA 2).

No decreto *Ad gentes* sobre a atuação missionária da Igreja, o Concílio retoma a doutrina patrística das sementes do Verbo (AG 15). O Papa João Paulo II, na *Redemptoris Missio*, afirma que “o Concílio Vaticano II lembra a obra do Espírito no coração de cada homem, cuidando e fazendo germinar as ‘sementes do Verbo’, presentes nas iniciativas religiosas e nos esforços humanos à procura da verdade, do bem, e de Deus” (RM 28). É o Espírito Santo que infunde e lança as sementes do Verbo, presentes nas diversas culturas e ritos. Esta presença misteriosa de Cristo é possível graças a ação do Espírito, que “já atuava no mundo antes de Cristo ser glorificado” (AG 4).

O Vaticano II, nestas breves referências, indicou um avanço extraordinário no diálogo com as religiões. Este avanço pode ser compreendido em categorias pneumatológicas. O Concílio, obra do Espírito Santo, reconheceu a presença do mesmo Espírito nas diversas expressões religiosas, garantido a universalidade de sua ação, para além das fronteiras do Cristianismo. “Que o Espírito de Deus está universalmente presente e operante na vida religiosa dos ‘outros’ e nas tradições religiosas a que pertencem, assim como está em meio aos cristãos e na Igreja, teria sido também uma descoberta pós-conciliar”³.

3. A presença e atuação do Espírito Santo para além do cristianismo

O Concílio Vaticano II abriu as portas da Igreja Católica para o diálogo com o mundo moderno. O resgate da dimensão pneumatológica da Igreja tomou um papel decisivo nas relações inter-religiosas. Muitos documentos que foram lançados após o Concílio e sob sua inspiração, abordaram o tema da diversidade religiosa em perspectiva pneumatológica.

Na esteira do Concílio, João Paulo II deu sugestivos passos para o diálogo com os não-cristãos. “A presença e a ação universal do Espírito de Deus entre ‘os outros’ e nas suas tradições religiosas representam a contribuição mais importante de João Paulo II para o fundamento teológico do diálogo inter-religioso”⁴. Já em

³ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões: Do desencontro ao encontro*, p. 278.

⁴ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões: Do desencontro ao encontro*, p. 278.

1979, no início do seu pontificado, afirmou, na *Redemptor Hominis*, que a crença firme dos seguidores das religiões não-cristãs “é efeito também ela do Espírito da verdade operante para além das fronteiras visíveis do Corpo Místico” (RH 6).

Nas preparações para o grande Jubileu do ano 2000, João Paulo II, na *Dominum et vivificantem* (1986), enfatizou a importância de

alargar as nossas vistas para *mais longe*, ‘para o largo’, conscientes de que ‘o vento sopra onde quer’, segundo a imagem usada por Jesus no colóquio com Nicodemos. O Concílio Vaticano II, centrando a atenção sobretudo no tema da Igreja, recorda-nos a ação do Espírito Santo mesmo *‘fora’ do corpo visível da Igreja*. Ele fala precisamente de ‘todos os homens de boa vontade, no coração dos quais invisivelmente age a graça’ (DV 53).

A Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (1990) de João Paulo II destaca a manifestação do Espírito Santo *particularmente na Igreja e nos seus membros*, mas admite que “sua presença e ação são universais, sem limites de espaço nem de tempo”. (RM 28). A atuação do Espírito transcende a esfera dos indivíduos e atinge maiores proporções, como “a sociedade e a história, os povos, as culturas e as religiões” (RM 28). O Espírito Santo “está na base dos ideais nobres e das iniciativas benfeitoras da humanidade peregrina” (RM 28).

Esta certeza da presença universal do Espírito Santo guiou João Paulo II nos seus encontros com as diferentes culturas e povos (RM 29). É o Espírito que “induz-nos a estender o olhar, para podermos melhor considerar a sua ação, presente em todo o tempo e lugar” (RM 29). O encontro inter-religioso de Assis reforçou sua convicção de que “toda a oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo, que está misteriosamente presente no coração dos homens” (RM 29).

A *Redemptoris Missio* assinala, igualmente, que as relações da Igreja com as outras tradições religiosas baseiam-se num duplo aspecto: “respeito pelo homem na sua busca de resposta às questões mais profundas da vida, e respeito pela ação do Espírito nesse mesmo homem” (RM 29). A Carta Encíclica retoma a *Gaudium et Spes* 22, reafirmando a possibilidade de todos serem associados ao mistério pascal por meio da ação do Espírito Santo (RM 28). Todavia, o Espírito não se apresenta aqui como um caminho paralelo a Jesus. A missão conjunta e inseparável do Sopro e da Palavra é lembrada novamente:

Não é de modo nenhum uma alternativa a Cristo, nem vem preencher uma espécie de vazio, como algumas vezes se sugere existir, entre Cristo e o Logos. Tudo quanto o Espírito opera no coração dos homens e na história dos povos, nas culturas e religiões, assume um papel de preparação evangélica, e não pode deixar de se referir a Cristo (RM 29).

Uma das afirmações mais importantes de João Paulo II refere-se ao protagonismo do Espírito Santo no trabalho missionário da Igreja (RM 21). Superando qualquer pretensão humana de atribuir o mérito pelos frutos da missão, o documento deixa claro que é o Espírito Santo o agente fundante da ação evangelizadora da Igreja. O Espírito Santo sempre chega primeiro. Ele antecede qualquer esforço humano, preparando os corações para acolher o anúncio da Boa Nova. A presença do Espírito em todos os tempos e lugares é manifestação do desejo de Deus que todos sejam inundados por seu amor.

O texto *O Cristianismo e as religiões* publicado em 1997 pela Comissão Teológica Internacional é de grande contribuição para o avanço no diálogo cristão com as religiões. No que tange à unicidade da mediação de Cristo, a Comissão Teológica selecionou alguns temas que, ao longo da tradição cristã, buscaram exprimir a significação universal de Cristo (CTI 40), sua presença enquanto mistério na vida dos povos. O texto destaca a doutrina das sementes do Verbo e a união, pela encarnação, do Filho de Deus à toda humanidade: “O Filho de Deus uniu-se a todo homem e contendo todos nós nele, pode reconciliar a todos com Deus Pai” (CTI 46). Conclui, contudo, que

outras possibilidades de ‘mediação’ salvífica não podem jamais ser vistas desligadas do homem Jesus, o mediador único. Será mais difícil determinar como se relacionam com Jesus os homens que não o conhecem, as religiões. Faz-se necessária a menção dos caminhos misteriosos do Espírito, que dá a todos a possibilidade de associar-se ao mistério pascal e cuja obra não pode não referir-se a Cristo (CTI 49 d).

A Comissão reafirma a missão conjunta do Espírito Santo e do Verbo de Deus e assegura que “em virtude da obra do Espírito, todos os homens podem entrar em relação com Jesus que viveu, morreu e ressuscitou em um lugar e em um tempo concretos” (CTI 60). Novamente percebemos a indicação de caminhos possibilitados pelo Espírito capazes de unir as pessoas de diferentes credos com o mistério de Cristo.

A Comissão Teológica descreve também a união dos não-cristãos com a Igreja de Cristo, que é âmbito privilegiado da atuação do Espírito. Neste sentido,

quando os não-cristãos, justificados mediante a graça de Deus, são associados ao mistério pascal de Jesus Cristo, o são também com o mistério de seu corpo, que é a Igreja. O mistério da Igreja em Cristo é uma realidade dinâmica no Espírito Santo. Ainda que falte a essa união espiritual a expressão visível da pertença à Igreja, os não-cristãos justificados estão incluídos na Igreja ‘corpo místico de Cristo’ e ‘comunidade espiritual’. Nesse sentido, os Padres da Igreja podem dizer que os não-cristãos justificados pertencem à *ecclesia ab Abel* (CTI 72).

A *Dominus Iesus* de Bento XVI reforça o cuidado de não se cair no perigo de considerar as missões do Filho e do Espírito como referências de duas economias distintas e independentes. A fé da Igreja fala de uma única economia salvífica de Deus Uno e Trino.

Há ainda quem sustente a hipótese de uma economia do Espírito Santo com um carácter mais universal que a do Verbo Encarnado, crucificado e ressuscitado. Também essa afirmação é contrária à fé católica, que, ao contrário, considera a encarnação salvífica do Verbo um acontecimento trinitário (DI 12).

No atual magistério do Papa Francisco, as bases doutrinárias permanecem basicamente as mesmas já apontadas:

Os não-cristãos fiéis à sua consciência podem, por gratuita iniciativa divina, viver ‘justificados por meio da graça de Deus’ e, assim, ‘associados ao mistério pascal de Jesus Cristo’. Graças, porém, à dimensão sacramental da graça santificante, a ação divina neles tende a produzir sinais, ritos, expressões sagradas que, por sua vez, envolvem outros em uma experiência comunitária do caminho para Deus. Não têm o significado e a eficácia dos Sacramentos instituídos por Cristo, mas podem ser canais que o próprio Espírito suscita para libertar os não-cristãos do imanentismo ateu ou de experiências religiosas meramente individuais. O mesmo Espírito suscita por toda a parte diferentes formas de sabedoria prática que ajudam a suportar as carências da vida e a viver com mais paz e harmonia. Nós, cristãos, podemos tirar proveito também desta riqueza consolidada ao longo dos séculos, que nos pode ajudar a viver melhor as nossas próprias convicções. (EG 254).

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, retoma as citações clássicas do Magistério anterior e, numa abertura inclusivista, chega a afirmar que os cristãos podem se beneficiar das riquezas presentes nas outras tradições religiosas para

viverem melhor a sua própria fé. A diversidade de formas de sabedoria prática é oriunda do Espírito Santo, que atua em toda parte. Assim, no encontro fraterno entre as religiões, há a oportunidade de um mútuo enriquecimento, suscitado pelo mesmo Espírito.

4. Por um diálogo no Espírito

Diante das referências aqui citadas, cabe-nos um questionamento: quais são as contribuições da pneumatologia para um fecundo diálogo da Igreja com as religiões? Destes textos emerge uma mesma doutrina que, passo a passo, sugere avanços sucessivos. Sem dúvida, a Igreja Católica encontrou na pneumatologia fundamentos de grande importância para uma proximidade com os não-cristãos. À guisa de uma síntese conclusiva, podemos apontar:

a) A universalidade da ação do Espírito, sua onipresença no mundo: Mesmo não tendo a consciência de que exista o Espírito Santo – semelhante aqueles discípulos de João Batista que se encontravam em Éfeso (At 19,1-7) –, as tradições religiosas não-cristãs também são herdeiras da efusão do Espírito de Deus. Os documentos do Magistério destacam a universalidade da ação do Espírito para além das fronteiras cristãs, antes mesmo do Cristo ser glorificado. Esta ação se encontra numa ordem natural, na origem da vida humana e de todo mundo criado.

b) A afirmação de uma única economia da salvação em perspectiva trinitária: Onde o Espírito age, age em comunhão com o Pai e o Filho. Assim, a missão do Espírito não se refere a um caminho paralelo ao do Verbo de Deus, mas a uma ação conjunta. Espírito e Palavra são protagonistas de uma mesma história de salvação. “A fé cristã considera que a ação do Espírito e a de Jesus Cristo, embora distintas, são, contudo, complementares e inseparáveis”⁵.

c) O Espírito possibilita a participação de todos no mistério pascal de Cristo mediante caminhos por nós desconhecidos. Ele torna atual a presença sacramental de Cristo por meio de sinais, ritos, expressões e vivências religiosas.

⁵ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões: Do desencontro ao encontro*, p. 116.

A função específica do Espírito consiste em permitir às pessoas tornarem-se partícipes, antes ou depois do evento, do mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus Cristo (cf. *Gaudium et spes* 22). Assim, por meio do poder do Espírito, o evento Jesus Cristo se realiza em todos os tempos; está presente e ativo em todas as gerações⁶.

Cristo se faz presente e age nos não-cristãos por meio do seu Espírito. É o Espírito que lança as sementes do Verbo e que associa toda humanidade ao Verbo encarnado. “Se pode existir fé salvífica em uma pessoa não-cristã e se é lícito esperar que de fato ela se encontra em larga escala, deve-se ter como certo que a graça sobrenatural do Espírito é que possibilita e move essa fé”⁷.

d) Presente nos corações humanos, o Espírito Santo suscita uma variedade de valores espirituais que não se esgotam. Portanto, o diálogo entre as religiões permite aprender com o outro formas diferentes da atuação do mesmo Espírito. Esta “troca” de dons promove o mútuo reconhecimento entre as religiões.

Toda oração autêntica (ainda que endereçada a um Deus ainda desconhecido), os valores e as virtudes humanas, os tesouros de sabedoria ocultas nas tradições religiosas e, portanto, também o diálogo e o encontro autêntico entre seus membros são igualmente frutos da presença ativa do Espírito⁸.

O diálogo entre as religiões, o mútuo reconhecimento, o amor recíproco são obras do Espírito. As fundamentações teóricas e teológicas em vista do diálogo são importantes e indispensáveis. Todavia, o que antecede a doutrina é a experiência do outro, é o respeito à alteridade. Este é o ponto de partida. Sem o desejo do encontro não será possível um abraço fraterno entre as religiões. Sabemos que este desejo de abraçar o outro e de ouvi-lo é obra do Espírito de Deus. No seu mistério de amor, o Espírito Santo continua movendo “os corações, de modo que os inimigos voltem à amizade, os adversários se deem as mãos e os povos procurem reencontrar a paz” (*Oração Eucarística sobre a Reconciliação II*).

⁶ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões: Do desencontro ao encontro*, p. 116

⁷ RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: Introdução ao conceito de cristianismo*, p. 371.

⁸ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões: Do desencontro ao encontro*, p. 280.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Cristianismo e as religiões* (1997). Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1997_cristianesimo-religioni_po.html>. Acesso em: 29 de mar. de 2019.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Ad gentes*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Nostra aetate*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor e dá a vida*. São Paulo: Paulinas, 2005 (Coleção Creio no Espírito Santo, n. 2).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Dominus Iesus*: sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Roma, 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html>. Acesso em: 29 de mar. de 2019.

DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões*: Do desencontro ao encontro. São Paulo: Loyola, 2004.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013.

JOÃO PAULO II. *Dominum et vivificantem*: o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. São Paulo: Paulinas, 1986.

JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis*. Roma, 1979. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 29 de mar. de 2019.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris missio*: sobre a validade permanente do mandato missionário. Roma, 1990. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html>. Acesso em: 29 de mar. de 2019.

MISSAL Romano. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Trad.

Portuguesa da 2. ed. típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acrésc. aprov. pela Sé Apostólica. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

RAHNER, karl. *Curso fundamental da fé*: Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 2015.

Recebido em: 04/11/2019.

Aprovado em: 01/12/2019.